OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano X - Edição 245
colaboração R$ 2
De 25 a 31/1/2006

PARA ONDE VAI A BOLÍVIA?

AS PERSPECTIVAS DO GOVERNO DE EVO MORALES

Páginas 6 e 7

DÍVIDA EXTERNA: O FESTIVAL DE MENTIRAS DE LULA E PALOCCI

Página 5

METALÚRGICOS DE SÃO JOSÉ: MANTER UMA DIREÇÃO DE LUTA

Página 8

HAITI: UM ATOLEIRO PARA O GOVERNO BRASILEIRO

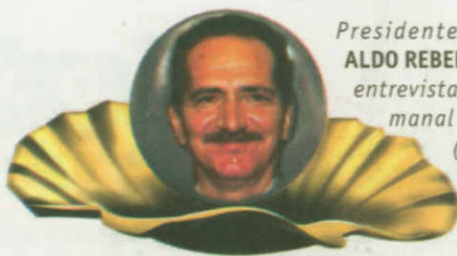
Páginas 10 e 11

RAPINA 1 2005 registrou recorde na remessa de lucros das multinacionais para fora. Foram mais de U$ 12,6 bilhões enviados ao exterior, um crescimento de 72,88% nas remessas.

PÁGINA DOIS

RAPINA 2 Ao mesmo tempo, cerca de 10% de todos os empréstimos do BNDES no período foram destinados a empresas multinacionais, o que equivale a R$ 4,7 bilhões.

PÉROLA

"Os deputados trabalham acima da média dos demais brasileiros"

Presidente da Câmara, **ALDO REBELO** (PCdoB), em entrevista à revista semanal Carta Capital (11/01/2006)

ROYALTIES E RAPADURAS

Em janeiro, os integrantes da Feira de São Cristóvão – importante centro de tradições nordestinas no Rio de Janeiro – fizeram um protesto pra lá de bem humorado. Concentrados em frente ao Consulado alemão na capital fluminense, os manifestantes distribuíram rapaduras. O protesto foi contra o patenteamento da rapadura pela empresa alemã Rapunzel. Sem saber o que fazer diante da manifestação, o representante comercial do consulado comeu uma rapadura genuinamente nordestina que não pagou royalties.

MANOBRA

Lula recomendou ao ministro das Comunicações, Hélio Costa, que substitua o presidente da Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), Jânio Cezar Pohren. Além de agradar os interesses do ministro, a mudança tem outro objetivo: agradar aos dirigentes sindicais governistas que não sabem mais como lidar com o desgaste de Pohren na categoria. Segundo o Correio Brasiliense, "o Planalto pretende anular a influência do P-SOL e do **PSTU** na categoria". "As manifestações de oposição ao governo organizadas pelos partidos têm contado cada vez mais com a participação de funcionários da ECT".

CHARGE / GILMAR

XEROX DOS PROGRAMAS SOCIAIS

O governo Lula tem gasto mais dinheiro com a compra de papéis, fotocópias e xerox do que com programas sociais. De acordo com o Sistema Integrado de Administração Financeira (Siafi), a União gastou, em 2005, R$ 88,6 milhões com fotocópias ou xerox, valor um pouco superior a todos os investimentos realizados (R$ 87,4 milhões), no mesmo período, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Só no primeiro ano do governo, as despesas com xerox chegaram a R$ 102,2 milhões. Quem faz a festa são os catadores de papel de Brasília que consideram a esplanada um dos lugares mais rentáveis do seu "negócio".

REPRESSÃO

Os servidores de Alagoinhas (BA), município onde o PT governa, entraram em greve no dia 13, pela regulamentação de Lei que define direitos trabalhistas. Após meses de negociações e diante da suspensão do calendário de reuniões pelo governo, os trabalhadores decidiram em assembléia pela greve, que começou com força, contando com a adesão total do setor de vigilância pública, que está sendo vítima de perseguição. Policiais disfarçados foram identificados acompanhando os protestos e ameaças de corte de ponto foram feitas para intimidar. Os servidores solicitam toda a solidariedade possível. Moções devem ser enviadas para: acom@alagoinhas.com.br com cópia para: sinpa@terra.com.br.

ERRATA

O Encontro Estadual da Conlutas no Ceará, em 3 de dezembro, contou com mais de 150 inscrições, e não apenas 50 como foi publicado na edição 244.

SERVIDORES DE TABOÃO PARAM 10 DIAS

Força da greve faz com que prefeito petista negocie

ÁRTOUR BARBOSA, de São Paulo (SP)

O funcionalismo de Taboão da Serra, na Grande São Paulo, impôs uma greve de 10 dias em dezembro, por reajuste salarial. Em nove anos somaram-se 88,67% de perdas salariais que o prefeito Evilásio (PSB/PT) tinha interesse em ampliar. A proposta de orçamento para 2006 não previa o reajuste dos servidores e esse foi o estopim da greve, em 7 de dezembro. No início, o prefeito estava intransigente. Porém, com o fortalecimento da greve, chegando a atingir 40% dos locais de trabalho, e com apoio de vários sindicalistas, como os da *Oposição Alternativa* da Apeoesp, dos Municipais de Guarulhos e dos Municipais de Santo André, ligados à Conlutas, do sindicato dos Químicos de São Paulo e inclusive do MTST, que tinha uma ocupação na região e chegou a emprestar o som para uma assembléia, o prefeito foi obrigado a recuar, concordou com a compensação dos dias parados, reconheceu o comando de greve como representação legítima dos trabalhadores e sua manutenção para evitar perseguições das chefias diretas. Diante disso e do compromisso da prefeitura em apresentar uma proposta no início do ano, os trabalhadores decidiram suspender a greve, mas mantêm o estado de greve até fevereiro, quando haverá nova reunião. Se não houver reajuste os trabalhadores estão dispostos a parar.

O **PSTU** esteve presente com sua militância e produziu um boletim de apoio à greve, com sua opinião sobre os passos para a luta. Sandra Fortes, professora de Taboão, do comando de greve e militante do **PSTU**, ressaltou a necessidade da unidade dos trabalhadores para a luta, denunciou o papel traidor que cumprem a CUT e a Força Sindical, juntamente com o PT e o governo Lula, e apresentou a necessidade de construir a Conlutas como alternativa aos pelegos.

CARTAS

Acho super interessante os materiais de vocês. Tenho 15 anos e, com amigos, utilizo os materiais do **PSTU** para botar "na parede" meus professores da escola ultra-reacionária da igreja onde estudo. Eles estão para ficar loucos, porque vão para a sala de aula falar bobagens e reproduzir o senso comum. Com o **Opinião** em mãos, deixamo-os atônitos, coléricos. (...) Em 2006, mandem brasa nos materiais.

RENATA, LU E FÊ,
de Teresina (PI), por e-mail

Fiquei muito impressionada que no site deste partido se encontrem pérolas de biografias que estava procurando. Encontrei a de Maiakovsky e a de Billie Holiday. Jamais imaginei que num site de partido político encontraria preciosidades como estas.

CARLA DENISE,
de São Paulo (SP), por e-mail

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO E CAPA** Montagem sobre fotos **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010 - (11) 3105-6316
www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval
(96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823,
Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36,
Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700,
Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 -
Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre
Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul -
CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506.
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro,
nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4
(Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165,
Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 -
Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 -
Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 -
(34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1
(91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna,
147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320,
s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto,
391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar,
Boa Vista (81) 3222-2549
recife@pstu.org.br

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino
Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras,
66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco,
633 / 308 - Centro. *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62
- Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos,
45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411
sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de
Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto,
362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA
Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301
Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho,
70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16
Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243
(51) 3286-3607 / 3024-3486 /
3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira
Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com
Manoel Elias) - (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 241-7718
CAXIAS DO SUL - (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - Av. Dorival Cândido
Luz de Oliveira, 6330 - Parada 63 -
(ao lado do Snek Beer)
PASSO FUNDO - (54) 9982-0004
PELOTAS - (53) 9126-7673
pelotas@pstu.org.br
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 8116-2932,
santamaria@pstu.org.br
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da
Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos,
104, Centro (48) 225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299,
Bairro Universitário

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248
- São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183
V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim
Pedroso de Melo, 18 (próximo
à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João
Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 -
Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786
(19) 3235-2867
campinas@pstu.org.br
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes
Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia
(12) 3664-2998
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2
Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica
(11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro
(12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro
Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo -
Vila Tibério (16) 3637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279
sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO -
R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro
(11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189
(12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 -
Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de
Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767
sorocaba@pstu.org.br
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos,
142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco
José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

PARA TER UM ANO REALMENTE NOVO (*)

Ano novo, vida nova. Esta que é a vontade de milhões de brasileiros ao começar 2006, pode ser encarada de muitos ângulos. Se a esperança for de mudanças na prática política dos parlamentares ou do governo, será tão real quanto o Papai Noel das festas natalinas.

A convocação extraordinária do Congresso só rendeu 25 mil reais a mais nas contas desses parlamentares ordinários, mostrando que Severino Cavalcanti saiu do Congresso mas os restantes seguem os mesmos princípios (ou a falta deles).

A operação tapa buracos do governo Lula e a farsa da "soberania", por pagar antecipadamente a dívida ao FMI, demonstraram mais uma vez que o PT tem o mesmo programa, a mesma prática política, a mesma estatura moral do PSDB e do PFL.

A briga de foice no PSDB entre Geraldo Alckmin e José Serra para a indicação do candidato a presidente trouxe a público a mesma sordidez dos escândalos do PT no governo. A revista Época*, a serviço de Serra, demonstrou a relação de Alckmin com a Opus Dei, uma seita católica de ultradireita, que usa instrumentos de tortura pessoal para uma boa parte de seus apoiadores (para "purificar" o corpo) e encara as mulheres com uma visão ultra-machista. Alckmin contra-atacou, falando que o vice de Serra na prefeitura de São Paulo, do PFL (que assumiria, caso Serra fosse candidato), é um corrupto conhecido, foi secretário de Pitta e seria um risco eleitoral para o PSDB.*

Como se pode ver, os bastidores do PSDB têm o mesmo cheiro dos escândalos de Delúbio e Zé Dirceu. A "política" das classes dominantes no Brasil leva os trabalhadores e jovens que a acompanham a sentirem náuseas. Náuseas em dezembro de 2005, náuseas em janeiro de 2006. Por aí nada de novo. Ano novo, vida velha.

Se depender destes partidos, assim será 2006. Uma mesmice. A maioria do povo, mesmo desconfiada, vai votar em outubro. Algum candidato do PT ou do PSDB-PFL vai ser eleito. Em 2007, teremos a mesma política econômica, a mesma corrupção. Muitos já sabem disto e têm desconfianças de todos. A maioria dos trabalhadores e jovens deste país olha os "políticos" como aquelas pessoas que, ao entrarem na sala, levam você a segurar sua carteira ou bolsa com desconfiança. Mas uma boa parte dos brasileiros já incorporou também a desilusão misturada ao ceticismo "nada vai mudar, é tudo assim mesmo".

OS BASTIDORES DO PSDB têm o mesmo cheiro dos escândalos de Delúbio e Zé Dirceu

Para que 2006 seja realmente um ano novo, não se pode cair na mesma armadilha em que o povo já caiu diversas vezes, acreditando em mentiras do PT ou do PSDB-PFL. Não adianta também esperar algo das "novas alternativas eleitorais de esquerda" que estão surgindo na América Latina, como Evo Morales ou Chávez.

Tampouco serve para nada ficar só na desilusão. A dominação das grandes empresas também se apóia na passividade que é fruto do ceticismo. Que não se enganem os que esperam um ano melhor "não se metendo em política", ou deixando de lutar. A vida não vai mudar sem que as grandes massas de trabalhadores e jovens deste país se movam.

É isso que esperamos de novo em 2006. Nenhuma esperança no governo, no Congresso, neste partidos que aí estão como PT, PSDB, PFL, PMDB, PDT, etc. Nenhuma esperança na CUT e na UNE, braços do governo no movimento sindical e na juventude.

Mas algumas coisas podem mudar. Neste ano, em maio, vai ser feito em São Paulo, o Congresso Nacional dos Trabalhadores, o Conat, que deve fazer da Conlutas uma nova organização de lutas, como alternativa perante a falência da CUT, e da UNE. Isto será algo realmente novo: uma nova direção que está surgindo para as lutas neste país, a Conlutas, que dirigiu as principais mobilizações contra o governo nos dois últimos anos, com os atos nacionais em Brasília, e uma participação muito importante nas campanhas salariais do funcionalismo público, de bancários, petroleiros, metalúrgicos e de outras categorias.

O PSTU *está chamando a todos os setores da esquerda (incluindo o P-SOL), a formar uma frente sindical, classista e socialista para as lutas diretas e para as eleições que, se concretizada, formaria um pólo classista, socialista e de lutas, alternativa à mesmice do PT x PSDB-PFL. Seria também algo realmente novo no terreno da política.*

Ano novo, vida nova, só com novas lutas.

(*) Com licença de Carlos Drummond de Andrade

ENCERRANDO AS CPI'S, RUMO ÀS ELEIÇÕES

GOVERNO E CONGRESSO ainda tentam estancar desgaste das instituições em ano eleitoral

YARA FERNANDES, da redação

Por mais que o governo e o Congresso tentem limpar sua imagem e virar a página do ano de 2005, a imagem que aparece para a população neste início de ano é de que 2006 não trouxe nada de novo aos palácios de Brasília. As CPI's não terminaram e ameaçam cortar algumas poucas cabeças, mas já se preparam para um desfecho rumo às eleições. Mesmo com as supostas investigações, há cerca de R$ 21 bilhões em verbas não esclarecidas que teriam passado pelo esquema do mensalão.

Até agora, o governo e o Congresso não tiveram muito sucesso em jogar a lama para debaixo do tapete. A poeira baixou, mas ainda são aguardados o encerramento das CPI's e seus resultados. Algumas cassações foram propostas na última semana. No Conselho de Ética, foi solicitada a cassação do deputado petista Professor Luizinho, acusado de receber R$ 20 mil das contas de Marcos Valério. Também foi recomendada a cassação do mandato do deputado Roberto Brant, do PFL, acusado de receber R$ 102 mil de Valério. A recomendação da cassação de Wanderval Santos, do PL, também foi feita nesta semana, sob acusações de receber R$ 150 mil do esquema.

Entretanto, ao mesmo tempo em que se busca um acordo para uma saída honrosa para as CPI's, a oposição burguesa (PSDB, PFL...) trata de dar seus ferrões na figura de Lula. Palocci, pressionado, decidiu que vai depor espontaneamente na CPI dos Bingos. Foram retomados os depoimentos e um deles trouxe de volta ao cenário a figura do presidente e seus 'compadres'. O ex-militante do PT Paulo de Tarso Venceslau disse que o presidente do Sebrae e amigo de Lula, Paulo Okamotto, fazia caixa dois para o PT em prefeituras desde 1993. Para completar a informação, a ex-prefeita de São José dos Campos, a deputada petista Angela Guadagnin, confirmou que Okamotto a procurou atrás de listas de empresas fornecedoras da prefeitura. Com as denúncias, a CPI dos Bingos quebrou os sigilos bancário, fiscal e telefônico de Okamotto.

Okamotto é investigado pela CPI por ter pago uma dívida de R$ 29 mil que o amigo Lula tinha com o PT, dívida paga entre dezembro de 2003 e março de 2004. Okamotto não explicou com que dinheiro efetuou o pagamento.

JOSÉ CRUZ / AGÊNCIA BRASIL

O presidente da Comissão de Ética da Câmara, o deputado Ricardo Izar (PTB), em sessão no início de janeiro.

Mas isso não é difícil concluir...

PIZZA

Além das pressões da oposição burguesa, também há algumas provocações dos governistas, como a tentativa frustrada de instalar a CPI das Privatizações aos 45 minutos do segundo tempo. Criada no dia 16, a comissão não teve adesões nem dos governistas, nem do PSDB e do PFL.

Mas, apesar das pressões da oposição burguesa, não há uma ameaça ao mandato de Lula. Tampouco existe uma real intenção de levar adiante uma CPI das privatizações de FHC. Esses embates estão aí para preparar terreno para a disputa nas urnas.

É preciso que as CPI's tenham finais felizes para oposição burguesa e governo. Por isso, o ministro das Relações Institucionais, Jaques Wagner, segundo informações publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, realizou uma reunião com os parlamentares petistas membros das CPI's para discutir uma 'agenda positiva' e tirar uma data para a entrega dos relatórios das CPI's, em um prazo que não atrapalhe as campanhas dos futuros candidatos.

Mesmo com um acordo que estanque a crise e leve os descontentamentos para a campanha eleitoral, as feridas da crise de 2005 serão difíceis de cicatrizar. A população vai votar, ainda que desiludida. Todavia, o PT não será o mesmo. A confiança nas instituições não será a mesma. E pode chegar o momento em que a reação do povo também mude.

MAMATA CONTINUA ROLANDO SOLTA NO CONGRESSO

PARLAMENTARES recebem salário extra sem nem ir a Brasília

YARA FERNANDES, da redação

Entre dezembro e janeiro, a imagem já desgastada do Congresso Nacional, por conta dos escândalos de corrupção, ficou ainda pior. Com a convocação extraordinária e os milhões gastos para pagar rendimentos extras aos parlamentares, fica claro que, depois de um ano de escândalos de corrupção, ao invés de punições, o Congresso foi premiado.

Já para os trabalhadores não há mimos. O salário mínimo de fome de R$ 350, que está sendo negociado entre o ministro cutista Luiz Marinho e o governo, está a um abismo de distância dos mensalões, das verbas de gabinete e dos R$ 25,6 mil pagos a cada deputado pela convocação extra.

A convocação extraordinária mostrou-se como mais uma manobra dos parlamentares para embolsarem salário extra sem sequer precisarem ir a Brasília. Ela garantiu a cada parlamentar vencimento extra de R$ 25,6 mil, relativos a dois salários, causando um impacto de R$ 100 milhões aos cofres públicos. A indignação da população forçou os congressistas a adotarem uma estratégia de autopreservação e sacrificarem algumas poucas mamatas para manterem o conjunto de seus privilégios.

No dia 17 de janeiro, a Câmara dos Deputados, acuada com uma decisão judicial exigindo o corte do ponto dos parlamentares faltosos, aprovou o fim do salário extra. No dia seguinte, a Câmara também aprovou a redução das férias dos parlamentares, de 90 para 55 dias. Tal gesto, no entanto, apesar de não causar grande impacto nos bolsos dos políticos, gerou irritação entre os deputados. O atual presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PCdoB-SP), auto-proclamou-se paladino das benesses dos deputados e chegou a declarar, em entrevista à revista semanal *Carta Capital*, que *"os deputados trabalham acima da média dos demais brasileiros"*.

A votação do fim do salário extra não afeta a convocação que está se dando no momento, já que a primeira parcela do pagamento já foi paga e a segunda será paga em fevereiro. Além disso, a medida está longe de arranhar os privilégios dos parlamentares, que continuarão a receber seus gordos salários, mais o 13°, dois salários a mais de "ajuda de custo", o auxílio-moradia, as verbas de gabinete e verbas para suas estruturas nos Estados.

Os trabalhadores, por sua vez, não têm férias de 55 ou 90 dias, e, quando têm, elas são de 30 dias. Além disso, os deputados, na prática, só participam dos plenários de terça a quinta, enquanto a classe trabalhadora, quando muito, tem direito a um dia de descanso na semana.

A saída de Severino Cavalcanti não significou uma política para acabar com as mordomias. Tampouco as CPI's serviram para 'moralizar' a casa. O Congresso continua com as mesmas regras, que garantem que, mesmo após as próximas eleições, ele se mantenha cheio de Severinos.

A GRANDE FARSA

INDEPENDENTEMENTE das declarações de Lula, País continua submisso ao FMI e pagando juros da dívida externa

DIEGO CRUZ, da redação

Lula começou o novo ano assim como terminou 2005: mentindo. Com a diferença de que agora o foco não é mais o argumento de que nada sabia sobre o mensalão, mas as eleições de 2006, onde a crise política deve desembocar. No último dia 16, o presidente levou sua campanha à rede nacional de televisão, num discurso oficial cuja tônica foi o suposto rompimento pacífico com o FMI, que teria sido sacralizado através da antecipação de uma dívida de U$ 15,57 bilhões.

Segundo Lula, *"não vamos mais ter de prestar contas ao FMI"*. O discurso mostra qual deve ser o norte da campanha petista. Com o descumprimento de todas as promessas e o aprofundamento da política neoliberal de FHC, o governo insiste na tática de semear ilusões na busca de um segundo mandato.

FOTO VALTER CAMPANATO / AGÊNCIA BRASIL

Palocci cumprimenta Rodrigo Rato, do FMI

FMI AGRADECE

Em dezembro, o governo anunciou a antecipação do pagamento da dívida junto ao FMI, cujo prazo se estendia para mais dois anos. Em nota oficial do Ministério da Fazenda, o governo assegura que *"o pagamento antecipado ao FMI não altera o bom relacionamento entre o Brasil e a instituição. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo, o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos que deverão ter impacto importante em muitos países membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas"*.

Ou seja, a antecipação do pagamento não passa de um gesto aos especuladores internacionais e ao próprio FMI mostrando que o governo continuará pagando em dia a dívida externa. O artigo IV a que a nota se refere submete a política cambial do Brasil ao Fundo. O Projeto Piloto de Investimento permite ao governo descontar investimento em infra-estrutura no cálculo do superávit primário, sendo que infra-estrutra aqui não tem nada a ver com saneamento básico ou moradia, mas investimentos em áreas como estradas e portos, beneficiando principalmente a agroindústria exportadora. O manual de Contas Públicas, por sua vez, assegura a continuidade da atual política fiscal de arrocho. Não é por menos que o chamado "risco Brasil", que mede o perigo de um determinado país não pagar sua dívida, nunca esteve tão baixo.

A fim de celebrar a antecipação do pagamento, o diretor-gerente do FMI, Rodrigo Rato, visitou o país no dia 10 para uma cerimônia da quitação da dívida. Rato derramou elogios à atual política econômica e aproveitou a ocasião para "sugerir" ao governo medidas para "consolidar a política macroeconômica", tais como reforma Trabalhista, Banco Central autônomo e uma maior abertura comercial. Na cerimônia, Lula reafirmou a boa relação do governo com o FMI: *"a sua visita, assim como suas palavras, expressam o fato de que as relações entre o Brasil e o Fundo não se encerram com a quitação de nossa dívida. Muito pelo contrário: nosso relacionamento muda de patamar e de qualidade"*.

DÍVIDA IMPAGÁVEL

O que Lula não diz em discursos é que o governo continuará pagando religiosamente a dívida, impondo um brutal arrocho na forma de superávit primário (economia que o governo faz deixando de investir em áreas como saúde e educação para quitar juros).

Depois de forçar um superávit primário de quase 5% do PIB ano passado, a relação entre dívida pública e PIB baixou de 51,80% em 2004 para 51,61% (conforme previsão do Banespa). Ou seja, a despeito de todo o arrocho e do superávit recorde, a dívida não abaixou praticamente nada.

Em 2005 a dívida externa chegou a U$ 170 bilhões. Somente de juros, Lula pagou nada menos que U$ 13,49 bilhões. O setor público em geral, contando municípios, estados e a União, gastou em 2005 quase R$ 160 bilhões na dívida, numa conta que só cresce a cada ano. *(gráfico)*

Em 2006, contando a dívida externa e interna o governo pagará 272 bilhões de reais. Trata-se de uma soma fabulosa, com a qual se poderia elevar o salário mínimo para 1000 reais (custo de 80 bilhões), resolver o déficit habitacional do país, construindo 6 milhões de casas populares (custo de 72 bilhões), e assentar as 4,5 milhões de famílias sem terras do país (custo de 78,5 bilhões). E ainda sobraria dinheiro.

PAÍS CONTINUA SUBMISSO

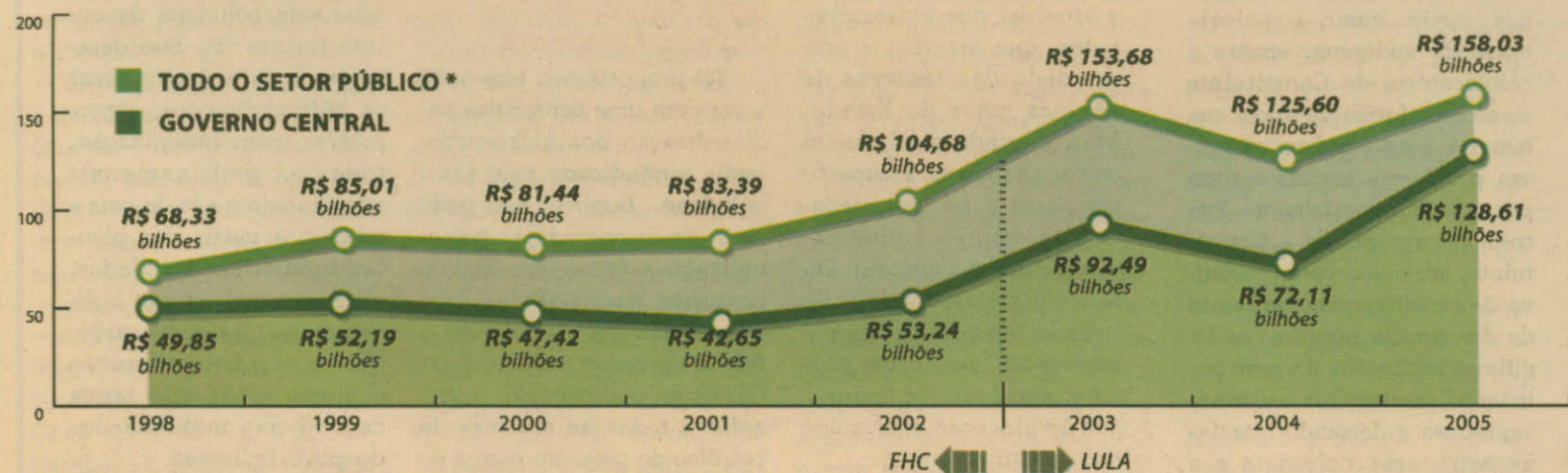
O próprio fato de o Brasil ser país membro do FMI já impõe um monitoramento permanente da política econômica, submissa aos maiores investidores do fundo: EUA e os países imperialistas europeus. O poder de voto nas instâncias deliberativas do FMI é proporcional à quota que cada país dedica ao fundo. Desta forma, os EUA têm supremacia incontestável na orientação do FMI. Só pra se ter uma idéia, o Brasil possui cerca de 1,4% dos votos entre os 184 países membros do fundo. Só os EUA detêm 17,08%, bem à frente do segundo colocado, a Alemanha, com 5,99%.

Ao contrário do que diz Lula, a relação entre Brasil e FMI segue sendo de total submissão. A única forma de pôr fim ao ciclo de pobreza e miséria do país é rompendo de fato com o FMI, parando de pagar a dívida para investir de forma maciça em saúde, educação e na geração de empregos. O que o governo Lula ou o PSDB nunca farão, não importa quantas vezes se "rompa" com o FMI.

NA INTERNET

LEIA O PLANO ANUAL DE FINANCIAMENTO DO TESOURO NACIONAL:
http://www.stn.fazenda.gov.br/hp/downloads/resultado/PAF_2006.pdf

VEJA O PODER DE VOTO DE CADA PAÍS MEMBRO DO FMI
http://www.imf.org/external/pubs/ft/aa/index.htm

QUANTO O SETOR PÚBLICO GASTOU COM A DÍVIDA DESDE 1998...

...E O ROMBO EM 2006

* Inclui despesas com juros do governo federal, Banco Central, governos estaduais, prefeituras e suas estatais

FONTE: Banco Central

BOLÍVIA: O SIGNIFICADO DO GOVERNO EVO MORALES

GUSTAVO SIXEL, da redação

Pouco após a vitória esmagadora de Evo Morales, o analista de um jornal boliviano dizia que Che Guevara pode ter se enganado sobre muitas coisas, mas acertou quando enxergou que a revolução na América Latina passaria, necessariamente, pela Bolívia. O país em cujas selvas o guerrilheiro foi morto vive há alguns anos uma nova revolução, que desperta o interesse de milhares de ativistas em todo o mundo.

Na semana passada, estes viram novas cenas impressionantes nas cerimônias de posse de Morales. Ele participou de uma no Templo do Sol, em Tiwanaku, com as comunidades originárias do país, no qual, pela primeira vez, foi empossado um presidente indígena. Isto em um país onde 62,2% da população reivindica-se como tal e que sempre foi governado por uma minoria branca. Até 1952, os analfabetos, ou seja, a quase totalidade dos indígenas, que falavam o *quechua*, não votavam.

A posse de um índigena impactou toda a América Latina e em particular a região andina, onde as mesmas etnias são tão discriminadas quanto na Bolívia, representando uma vitória distorcida desse povo sofrido.

Cerimônia em Tiwanaku

A eleição do candidato do MAS (*Movimento ao Socialismo*), com 53,7% dos votos, tem provocado ilusões nos que sonham com uma América Latina e um mundo socialistas. Em seu discurso na Praça, Evo homenageou Che Guevara, os mártires de El Alto e apresentou seu governo como continuidade de uma luta histórica contra os 500 anos de saques, de opressão e da "luta pela revolução".

Na praça e fora dela, são muitos os que acreditam nesse discurso. O problema é se a política de Evo e de seu partido permitem que ele seja digno dessas esperanças.

PRIMEIROS SINAIS

A julgar não só pela trajetória de Evo, mas pelo que tem dito depois da vitória eleitoral, é possível falar de um governo contra as aspirações do povo boliviano, justamente as que o alçaram ao poder.

A principal, a da nacionalização dos hidrocarbonetos o gás e o petróleo é uma exigência nacional, a principal reivindicação da insurreição que derrubou o último governo. Morales aponta para uma nacionalização 'simbólica', que tem as multinacionais como "sócias" e permite que explorem e comercializem gás e petróleo, ao contrário do que seguem exigindo a COB (Central Operária Boliviana) e organizações como o ***Movimento Socialista dos Trabalhadores***, da **LIT-QI**, que é a nacionalização sem indenização e com o controle total pelo Estado

A legalização da folha de coca é outra luta importante. Tradicional e sagrada para os povos andinos – a planta é mascada e os incas a ofereciam aos deuses – a folha é usada para remédios, chá e, também, para a produção de cocaína. Por isso a desculpa dos EUA para aumentar a presença militar na região, ainda que este país compre 98% da produção mundial da folha, para a Coca-Cola. Morales pediu o fim da perseguição, mas propõe um acordo que, para o intelectual James Petras, restringirá o cultivo *"a menos de meio acre por família"*.

Outro tema crucial é o da convocação da Assembléia Constituinte. Parte significativa dos trabalhadores bolivianos, assim como a maioria oprimida indígena, encara a convocatória da Constituinte como uma forma de impor sua maioria para resolver os graves problemas sociais e romper com o imperialismo. Evo trata de apresentar a Constituinte, em julho, com o objetivo de canalizar pela via morta da democracia burguesa as legítimas aspirações do povo boliviano, mantendo a estrutura capitalista e deixando intactas as estruturas coloniais e a opressão aos indígenas.

Qual é a nacionalização proposta por Evo?

JEFERSON CHOMA, da redação

Logo após ser eleito, Morales viajou para a Europa, assegurando que não confiscará e nem vai expropriar os bens das industrias petroleiras. *"O governo boliviano vai exercer seu direito de propriedade, isso não significa expropriar e nem confiscar"*, disse Morales em encontros com o primeiro-ministro espanhol, José Luis Zapatero, e com os diretores da petroleira Repsol.

A "nacionalização" de Evo consiste em aplicar, com algumas modificações, a atual lei dos hidrocarbonetos, que mantêm a propriedade das reservas de gás nas mãos do Estado. Mas, segundo a lei, assim que o gás chega à superfície passa a ser propriedade das empresas multinacionais que o exploram. Ou seja o gás é propriedade do Estado enquanto não é explorado, uma forma pouco disfarçada de manter sua exploração nas mãos das multinacionais.

Essa lei, vigente desde junho de 2005, prevê que as multinacionais paguem, no melhor dos casos, no máximo US$ 550 milhões por ano ao Estado boliviano. Uma cifra bastante modesta diante dos lucros das multinacionais obtidos pela extração, refino e industrialização do gás que vão continuar nas mãos das petroleiras estrangeiras. O MAS alega que não poderá nacionalizar plenamente os hidrocarbonetos porque a Bolívia "não tem condições" de criar uma empresa estatal para a exploração do recurso.

NACIONALIZAÇÃO: PASSADO E PRESENTE

Tal proposta não tem nada a ver com uma verdadeira nacionalização dos hidrocarbonetos reivindicada pelo povo boliviano. Também não pode nem ser comparada às nacionalizações feitas por alguns governos nacionalistas burgueses nas décadas de 30 e 50. O governo mexicano de Cárdenas, por exemplo, nacionalizou todas as reservas de petróleo do país, em março de 1938, e estatizou as empresas estrangeiras de petróleo criando assim a PEMEX, a primeira empresa estatal de petróleo da América Latina.

Em 1951, o presidente do Irã, Mossadegh, nacionalizou o petróleo e desapropriou os bens da Anglo-ranian, principal petroleira britânica que explorava o petróleo do país.

EXPROPRIAR AS MULTINACIONAIS

O projeto de nacionalização do MAS significa a continuidade da entrega da soberania boliviana de outras formas. Se Evo desejasse de fato nacionalizar os hidrocarbonetos, expropriaria, sem indenização, todas as multinacionais que roubam o gás do país e criaria, a partir das plantas industriais instaladas, uma empresa estatal boliviana para os hidrocarbonetos. A nacionalização continua sendo uma tarefa central das mobilizações do povo boliviano.

Petrobras: a principal multinacional no país

JEFERSON CHOMA, da redação

A Petrobras é a principal petroleira em atividade na Bolívia e por isso foi um dos principais alvos da luta do povo boliviano pela nacionalização dos hidrocarbonetos. Atualmente a Petrobras representa 10% do PIB da Bolívia e mais de 20% na arrecadação de impostos.

A Petrobras atua como uma empresa imperialista: explora as riquezas e gera lucros fabulosos. Por isso, concorda totalmente com as petroleiras americanas em sua oposição à estatização dos hidrocarbonetos.

A postura da empresa foi a de ameaçar cortar os investimentos no país. Recentemente, ameaçou sair da Bolívia se não tivesse garantidos *"seus investimentos e sua rentabilidade"*. A Petrobras controla cerca de 10 % das reservas de gás natural bolivianas e é dona das duas refinarias do país, em Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba. A empresa também opera o gasoduto Brasil-Bolívia, que chega até São Paulo. O Brasil importa cerca de 30 milhões de metros cúbicos de gás boliviano por dia.

Para tranqüilizar os investidores, no dia 13 de janeiro, Evo Morales veio ao Brasil e, numa reunião com Lula, confirmou que não haverá expropriações.

A atuação da empresa brasileira é um dos maiores exemplos da atuação do Brasil como uma "submetrópole regional". Por um lado, é recolonizado pelas potências imperialistas e sofre o mesmo saque de riquezas que os outros países latino-americanos. Por outro, atua como "sócio menor" na exploração de outros países mais fracos, recebendo, em troca, alguns migalhas maiores.

A influência econômica do Brasil não se limita ao setor de hidrocarbonetos: estima-se que 35% da produção de soja de Santa Cruz de la Sierra (a principal do país) seja propriedade de burgueses brasileiros. E as empresas brasileiras também têm contratos de US$ 330 milhões para construção de estradas.

A "ONDA DE ESQUERDA"

Resultados das eleições no Chile e na Bolívia alimentam ilusões em um "eixo antiimperialista"

EDUARDO ALMEIDA, da redação

A vitória de Evo se soma a uma série sem paralelo na história da América Latina de "governos de esquerda" ou "nacionalistas" que chegaram ao poder pelas eleições: Lula no Brasil, Tabaré Vasques no Uruguai, Kirchner na Argentina, Chávez na Venezuela, Michelle Bachelet no Chile, e agora Evo Morales. Dentro em pouco a lista pode aumentar com Lopez Obrador, no México, e Ollanta Humala, no Peru.

Nosso continente mudará afinal pelas mãos destes governos? Ou, desde outro ângulo, será formado um eixo antiimperialista real, com Evo, Fidel e Chávez, que poderá levar à ruptura com o imperialismo? Ou ainda, Evo mudará realmente a Bolívia?

Lula, com Kirchner e Chávez

Não nos somamos aos que alentam estas ilusões. Ao contrário, queremos alertar sobre dois elementos centrais dessa nova realidade latino-americana. O primeiro é que estes resultados eleitorais são uma expressão, distorcida, de um giro à esquerda das massas, desigual de país a país, mas que tiveram seus maiores picos nos processos insurrecionais que existiram na Bolívia (2003:2005), Equador (2000), Argentina (2001). O repúdio aos planos neoliberais aplicados em todo o continente pelos governos de direita são traços comuns em todos nossos países, que em algumas partes se expressaram em grandes mobilizações e em outras, também, através das eleições.

A Bolívia é, sem dúvida, o país em que estas mobilizações tiveram mais peso, e isso explica a vitória inédita de Evo. Duas grandes mobilizações revolucionárias, que incluíram greves gerais, bloqueio de estradas pelos camponeses e a ocupação de La Paz por gigantescas mobilizações derrubaram dois governos (Sanchez Losada e Carlos Mesa). Nos dois momentos, Evo Morales teve um papel destacado para frear as lutas e encaminhá-las para a via eleitoral, na qual acabou vitorioso.

O segundo elemento é que estes governos eleitos não têm servido para acabar com neoliberalismo, mas como uma via distinta para mantê-lo, e evitar que este ascenso desemboque em uma via revolucionária. Lula manteve o plano de FHC no Brasil; Tabaré Vasques faz o mesmo no Uruguai, com um ministro da Fazenda parecidíssimo a Palocci; Kirchner voltou a pagar a dívida externa (suspensa desde 2001); Michelle representa a continuidade dos governos anteriores do Partido Socialista chileno e da Democracia Cristã, que seguem a mesma política econômica dos tempos da ditadura de Pinochet.

O governo Chávez é distinto apenas em sua retórica e pelos atritos com Bush em política externa. Mas segue pagando a dívida externa, com o mesmo plano econômico neoliberal. Além disso, limita seu "antiimperialismo" ao rechaço a Bush, desenvolvendo excelentes relações com o imperialismo europeu. A miséria do povo venezuelano não se modificou em nada com o "socialismo bolivariano".

Seja sob a forma de governos de Frentes Populares (governos burgueses encabeçados pos organizações dos trabalhadores, em alianças com setores patronais), ou de governos burgueses com tinturas nacionalistas e apoio de massas, nossos países não estão avançando para a libertação do imperialismo, mas seguindo no caminho da dependência, com uma forma mais disfarçada.

Existem muitas diferenças entre esses governos, assim como na realidade da luta de classes e na economia de cada um desses países. Mas existe um dado em comum a todos eles: todos se propõem a manter o capitalismo e o Estado burguês e com isso estão condenados, não só a não avançar para as mudanças sociais exigidas pelo povo, mas a administrar o capitalismo e impor o arrocho salarial, garantir o lucro das empresas multinacionais etc.

CAPITALISMO ANDINO?

Evo já declarou que o socialismo não está em sua perspectiva, e sim um "capitalismo andino amazônico", que seria um capitalismo humano, com o estímulo à pequena produção das comunidades indígenas. Como não existem meios termos em uma economia imperialista globalizada, ao aceitar o capitalismo, Evo vai ter que governar para as grandes multinacionais, com suas regras de exploração, e não para as "comunidades". Já declarou que *"quer as multinacionais como sócios e não como patrões"*, e que *"não só vamos respeitar a propriedade privada, vamos proteger a propiedade privada"*.

Com essa postura, o governo Evo vai se enfrentar mais cedo ou mais tarde com as massas bolivanas que o elegeram e terá que defender a ordem e a dominação imperialista que espolia e oprime nosso continente.

MANTER O SINDICATO COMPROMETIDO COM A LUTA

FORTALECER O MOVIMENTO sindical combativo e organizar os trabalhadores para enfrentar os ataques do governo Lula e da patronal são os grandes desafios colocados para este ano. Por isso, as eleições para a próxima diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, nos dias 22 e 23 de fevereiro, são decisivas para garantir esse processo

***LARISSA MORAIS**, da redação**

O Sindicato dos Metalúrgicos foi o primeiro a se desfiliar da CUT, em agosto de 2004, e é uma das maiores entidades da Conlutas, com quase 40 mil trabalhadores na base, em fábricas como General Motors (GM), LG.Philips, Embraer, Eaton, etc.

Comemorando 50 anos em março, o sindicato de São José é referência nacional em sindicalismo combativo. Luta pelos direitos dos trabalhadores, quando a maioria das entidades cede aos patrões e entrega os direitos, e também pauta assuntos mais gerais (governo Lula, política internacional, etc).

Essa eleição tem, portanto, enorme importância para a definição do futuro da Conlutas, ou seja, da construção de uma verdadeira ferramenta de luta dos trabalhadores, em oposição ao peleguismo da CUT.

CHAPAS

A inscrição de chapas ocorreu em dezembro. Dois grupos estão concorrendo: a Chapa 1, da Conlutas (**Unidade Metalúrgicos na luta por salário, direitos e emprego**), é encabeçada pelo atual vice-presidente do Sindicato, Adilson dos Santos, o Índio; e a Chapa 2, da CUT, cujo candidato é Agnaldo Leite da Silva .

Uma terceira chapa tentou se inscrever, mas não obteve sucesso. Militantes do Partido da Causa Operária (PCO), sem qualquer representatividade na categoria, fizeram uso de métodos condenáveis. Inscreveram trabalhadores em sua chapa sem consultá-los.

Resultado: 29 dos 41 candidatos renunciaram e, assim, a chapa não conseguiu o mínimo de 17 candidatos, segundo o estatuto do sindicato.

Entre os metalúrgicos, corre a notícia de que o Partido da Causa Operária estava tentando inscrever a chapa a serviço da *Articulação*, da CUT.

As chapas já iniciaram a campanha, com distribuição de panfletos e visitas às fábricas. Seguindo a tradição do sindicato, a atual diretoria procura garantir transparência e democracia ao processo eleitoral.

A Chapa 1, da Conlutas, tem entre seus membros vários companheiros novos, que vieram de lutas recentes. A proposta da chapa é seguir com a atuação vitoriosa do sindicato.

ATUAÇÃO INDEPENDENTE

Em 2005, o sindicato obteve PLR maior nas fábricas, arrancou novamente aumento real na campanha salarial, evitou demissões e conseguiu estabilidade para os trabalhadores da General Motors (e efetivação de centenas de temporários) e derrotou o sindicato fantasma da Embraer. Defendeu os moradores da ocupação Pinheirinho e esteve à frente das maiores mobilizações nacionais e locais contra a corrupção do governo Lula.

O trabalho da Chapa 2, da CUT, não será fácil. Além de tentarem negar os feitos da atual diretoria, não conseguirão se livrar das sombras do governo Lula e da central pelega. Afinal, fazem parte do mesmo grupo do ministro do Trabalho, Luiz Marinho, ex-presidente da CUT e que hoje defende um salário mínimo de fome.

Também defendem as reformas Sindical e Trabalhista, que retirarão direitos históricos da classe trabalhadora. Nas entidades que dirigem, buscam frear as mobilizações e fecham acordos que prejudicam os trabalhadores.

São apoiados pela turma do mensalão. Henrique Pizzolato, envolvido no escândalo do governo, pertence ao Conselho da Embraer, assim como Claudemir, parceiro dos pelegos do sindicato fantasma.

Dos cerca de 38.600 trabalhadores na base da categoria, somente os sócios do sindicato – 23.900 – têm direito a voto. A apuração acontecerá no dia 24 e a nova diretoria terá mandato de três anos. Essa é a primeira eleição no sindicato após a desfiliação da CUT e adesão à Conlutas.

"O objetivo da Chapa 1 é manter o Sindicato na luta e estar na linha de frente na consolidação de uma nova ferramenta dos trabalhadores em alternativa à CUT. Por isso, acreditamos que a eleição do Sindicato é muito importante para impulsionar esse projeto e contamos com o apoio de companheiros de todo país", ressaltou Adilson dos Santos, o *Índio*, da Chapa 1.

** Colaborou Jocilene Chagas, de São José dos Campos*

PELEGOS TENTAM CRIAR SINDICATO FANTASMA

O grupo que compõe a Chapa 2, da CUT, tentou dividir o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos. No ano passado, apoiados pela direção da Embraer, criaram na surdina um sindicato fantasma do setor. Mas o golpe foi barrado pelo Judicário em agosto.

Esse mesmo grupo foi derrotado nas últimas duas eleições sindicais e, por isso, tentaram dividir a categoria. Também consta em seu histórico o mérito de ter reduzido em 10% os salários na Embraer, em 1996.

Coincidentemente, não há nenhum integrante da Chapa 2 na Embraer. Os pelegos da CUT querem ressuscitar o sindicato fantasma repudiado pela categoria. Dizem que o "Sindiaeroespacial" estará garantido, caso ganhem as eleições de fevereiro.

Os companheiros da Chapa 1, da Conlutas, estão denunciando na porta das fábricas mais esse golpe.

LIBERTEM PAULINHO JÁ!

Prisão de sindicalista é um ataque aos movimentos sociais da região

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Na tentativa de enfraquecer o movimento sindical no Vale do Paraíba, no dia 16 de janeiro, quando começava a campanha para a eleição do maior sindicato da região, foi preso o dirigente regional da Conlutas Paulo Ferreira da Silva, o Paulinho.

Cipeiro na empresa de ônibus JTU e membro da oposição ao Sindicato dos Condutores, Paulinho foi acusado de participar do assassinato do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Jacareí, Ângelo Maria Lopes Filho.

O crime ocorreu em junho de 2005, no dia em que Paulinho dirigia uma greve do transporte urbano de Jacareí. O presidente da OAB era advogado tributarista da empresa de ônibus, nem participava das negociações relacionadas a questões trabalhistas. Nesse dia apenas acompanhava o outro advogado responsável por esse tema na JTU.

Não existem provas concretas para incriminar Paulinho, que foi visto durante todo o dia do assassinato na condução da greve.

Trata-se, na verdade, de mais uma tentativa de criminalizar o movimento. Os sem-teto do Pinheirinho são constantemente ameaçados pela polícia, que também está sempre presente nas atividades dos sindicatos combativos da região.

É preciso que os companheiros e as entidades de todo o país se mobilizem contra mais esse ataque. Foram realizados dois atos em Jacareí, com a participação massiva de diversas entidades locais e estaduais, além de vereadores de São José e Jacareí, exigindo a libertação de Paulinho e um pedido de hábeas corpus já foi encaminhado. Envie um fax com a moção para as seguintes autoridades, com cópia para a Conlutas do Vale do Paraíba (valedoparaiba@conlutas.org.br):

- Drª Antonia Brasiliana de Paula Faroh
  Juíza da 2ª Vara Criminal de Jacareí – (12) 39535111
- Delegado Dr. Paulo Afonso Tucci
  Delegado Seccional de Jacareí – (12) 39536000
- Dr. Luiz Carlos Ribeiro dos Santos
  2º Vice Presidente – Tribunal de Justiça – (11) 31059463

A CANONIZAÇÃO DE JK

WILSON H. DA SILVA, da redação

Com a minissérie "JK", a Globo mais uma vez se utiliza de sua alta qualidade técnica e de sua audiência para tentar "reescrever" a História de acordo com sua ideologia e interesses.

Produzida sob a justificativa de que em 2006 se celebram os 50 anos da pose do ex-presidente Juscelino Kubitschek e os 30 de sua morte, a minissérie é muito mais do que uma homenagem a JK. É uma quase canonização de um sujeito que, segundo a versão global, nasceu em uma família humilde, tornou-se um médico hipercompetente e transformou-se (meio que casualmente) em um político empreendedor, democrático e incorruptível.

No decorrer da minissérie, essa verdadeira "via-crucis" – que acabará com a morte de JK, num acidente automobilístico, em 1976 – será maculada por alguns "pecadilhos" os quais, como já está evidente, só servirão para "apimentar" a história ou para acentuar o bom caráter do "presidente bossa-nova".

CONSTRUINDO UM HERÓI

Como a Globo irá tratar a mais do que problemática presidência de JK é algo que só veremos a partir do dia 26, quando terá início a nova fase da "novela". Contudo, algo é certo: o que iremos ver será um "herói brasileiro".

Vivido nesta primeira fase pelo talentoso Wagner Moura, o JK da Globo é, desde já, de uma irritante perfeição,

como o colunista Daniel Piza sintetizou bastante bem: *"É o filho perfeito, o irmão perfeito, o aluno perfeito, o amigo perfeito. É a conciliação sem conflitos entre o pai sonhador e a mãe prática". (O Estado de S. Paulo, 8/01/05).*

Criado por Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira, o personagem foi concebido em base a uma das técnicas mais rasteiras da teledramaturgia. Para se criar um herói, nada melhor do que fabricar um demoníaco antagonista. Este é o papel do Coronel Licurgo (Luis Melo), um personagem totalmente fictício criado sob medida para "ampliar" as qualidades do JK-herói. Ser humano asqueroso, racista, machista, sangüinário

e violento, Licurgo serve, ainda, como exemplo de um Brasil "atrasado". Ou seja, como contraponto perfeito para a "modernidade" que a Globo quer associar à figura de seu JK.

FICCIONALIZANDO E DISTORCENDO A HISTÓRIA

Mais do que simplesmente mesclar "realidade" e "ficção", o que se passa na minissérie global é uma "ficcionalização da História", em base aos interesses e à ótica da classe dominante.

Na minissérie, a legitimação desse discurso se dá de diversas formas. Para começar, pelas fontes utilizadas pelos autores. Como consultor histórico a Globo contratou Ronaldo Costa Couto, ex-ministro e biógrafo oficial de JK, que escreveu um livro cujo título dispensa comentários: *Brasília Kubitscheck de Oliveira*. Outra fonte foi o livro *Meu Caminho para Brasília*, uma autobiografia de JK. Além disso, a família do ex-presidente interveio diretamente. Assim, por exemplo, os muitos e bastante conhecidos casos amorosos de JK foram resumidos em um único "deslize".

Fontes que se casaram perfeitamente com a heróica visão da autora sobre seu personagem, como fica claro no prefácio do livro lançado junto com a minissérie: *"Não houve outro presidente que pensasse o Brasil de maneira tão grandiosa e que tenha realizado tanto em tão pouco tempo (...) Ele não se abalava diante das dificuldades: tomava as rédeas e resolvia os problemas (...) Lançou o Brasil no rumo da modernidade".*

Depois de construir um personagem destinado a cativar a audiência, o próximo passo será oferecer ao público um banquete de otimismo e realizações, embalado pelos chamados "anos dourados". Um clima que será potencializado pela já anunciada associação que se fará entre o JK e a efervescência cultural e o "bom astral" de uma época marcada pelo surgimento da bossa-nova, do cinema-novo, de novas estéticas teatrais, do rock, de novos padrões de comportamento e pela vitória do Brasil na Copa de 1958.

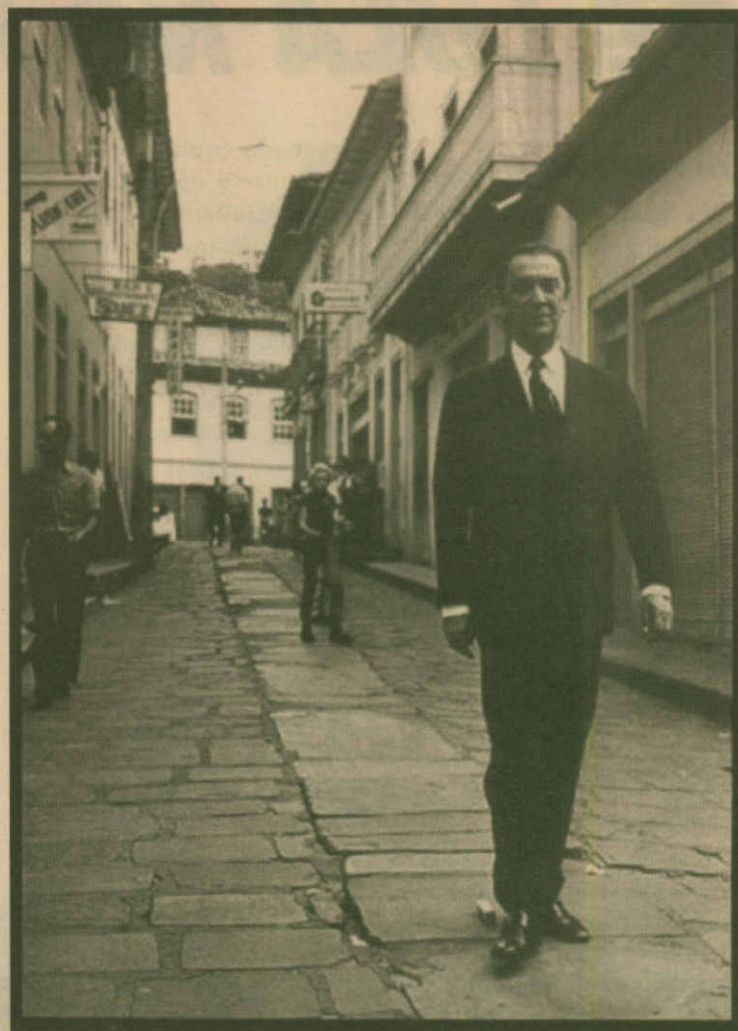
SOB MEDIDA PARA UM ANO ELEITORAL

Como a emissora não dá ponto sem nó, seria ingenuidade pensar que a minissérie não tem vínculos com a conjuntura atual do país, principalmente num ano eleitoral em que muitos dos pré-candidatos já se compararam ou procuram se identificar com JK.

Neste sentido, há um aspecto especialmente interessante no JK-Global: além de um "homem que faz", ele é incorruptível. Em plena época do mensalão, o personagem tem demonstrado uma honestidade ímpar, recusando favores e demonstrando uma integridade imbatível, mesmo vivendo cercado por coronéis e ampla corrupção. Uma postura que, mesmo quando arranhada por algum "pecadilho", é sempre e plenamente justificada pela narrativa. Nos capítulos que já foram ao ar, dois exemplos são impagáveis.

Em sua primeira eleição a deputado, JK foi auxiliado por um esquema de cabrestagem de votos, "justificado" porque ele está concorrendo contra os apadrinhados de Licurgo. Já eleito e tendo que exercer seu mandado no Rio de Janeiro, JK "justifica" suas freqüentes ausências com o argumento de que o "blá-blá-blá" do plenário não tinha muito de importante para alguém empreendedor como ele.

Como todo mito, o JK da Globo coloca-se acima do bem e do mal.

Veja no site indicações de filmes que abordam JK e sua época de uma forma mais realista.

PARA ALÉM DA LENDA

Kubitschek entrou no Partido Social Democrata (PSD) em 1945, pelo qual foi eleito deputado federal (1946), governador de Minas (1950) e presidente (1955). Chegando ao poder depois de derrotar uma articulação entre militares e udenistas (membros da extinta União Democrática Nacional, dirigida por Carlos Lacerda, seu principal rival), JK se aproveitou do "boom" econômico do pós-guerra para por em prática um ambicioso Plano de Metas sintetizado no slogan "50 anos em 5". Um projeto alicerçado nas verdadeiras marcas registradas dos "anos JK": a entrega do país aos interesses das multinacionais e do capital estrangeiro e o conseqüente endividamento do país.

Exemplo disto foi um de seus principais legados: a destruição da rede ferroviária brasileira para atender aos interesses da indústria automobilística multinacional através de um dispendioso plano de construção de estradas, que além de causar danos estruturais ao país, isolou e destruiu a economia de várias cidades.

Contudo, inegavelmente, o nome de JK será sempre lembrado pela construção de Brasília. Uma história que também precisa ser revista, já que, ao contrário da história que se conta, a mudança da capital para o interior do país se deve muito mais à intenção de distanciar o poder federal dos centros urbanos (sempre mais suscetíveis a protestos e manifestações) do que a qualquer projeto de desenvolvimento da região.

Projetos como estes não só foram cercados por denúncias de uma vasta rede de corrupção, como também alimentaram em muito a inflação – que, em 1960, chegou a 30,5% ao ano – e a dívida externa brasileira, que cresceu nada menos do que 171%.

Por fim, apesar de até hoje ser lembrado como uma das muitas vítimas da ditadura (que, na visão de muitos teria planejado sua morte), JK não só apoiou o golpe militar contra João Goulart (com a esperança de ele próprio voltar ao poder), como, depois, legitimou a pose do ditador Castelo Branco.

Nem isso o impediu de ser cassado, o que o levou a um exílio voluntário até 1967, quando voltou ao país e assumiu a função de diretor-presidente de um banco de investimentos, cargo que exerceu até um ano antes de sua morte.

A FALÊNCIA DA OCUPAÇÃO DE LULA NO HAITI

WILSON H. DA SILVA, da redação*

Na manhã do dia 7 de janeiro, o general brasileiro Urano Teixeira da Matta Bacellar, que comandava as tropas de ocupação no Haiti, foi encontrado morto, com um tiro na cabeça, em seu próprio apartamento. Segundo os especialistas, a hipótese mais provável é que o general tenha se matado.

Causas à parte, a morte do general foi apenas um capítulo a mais na desastrosa e vergonhosa intervenção brasileira num país que ficou conhecido pela vitoriosa luta levada a cabo por negros escravizados contra a opressão racista e a exploração colonial *(vide box)*.

Iniciada em 2004, meses depois do então presidente Jean-Bertrand Aristide ter sido derrubado (numa ação conjunta entre a oposição local e os imperialismos francês e norte-americano), a chamada Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti (Minustah) tem sido marcada por uma sucessão incontável de arbitrariedades e abusos.

Abusos que têm provocado mortes diárias que, lamentavelmente, nunca tiveram tanta repercussão na imprensa como a do comandante da ocupação, o qual, diga-se de passagem, está muito longe de ser o herói abnegado e vítima de um infortúnio como a maioria da imprensa nos quer fazer acreditar.

Para nada ele merece as homenagens ou a solidariedade de qualquer brasileiro. Se não bastasse seu vergonhoso papel no Haiti, é importante lembrar que Bacellar também teve suas mãos sujas de sangue na defesa da ditadura.

Em 1974, ele foi um dos escolhidos para participar da fase mais sangrenta e covarde do combate à Guerrilha do Araguaia, quando as tropas militares promoveram uma verdadeira caçada e o extermínio de 35 militantes do PCdoB (hoje integrante do mesmo governo a quem Bacellar prestava seus nefastos serviços), que já não tinham a menor condição de resistência.

O IRAQUE DE LULA

A morte do general agravou ainda mais a situação de Lula em relação à ocupação. Se, até há pouco, havia quase uma unanimidade na imprensa burguesa e até na opinião pública sobre a intervenção, hoje, a situação começa a mudar.

Na imprensa, o tom da cobertura após a morte repetiu frases como as publicadas na revista *Época*, de 16 de janeiro: Lula envolveu o país num *"lamaçal diplomático"* e *"cavou no Haiti seu Iraque particular"*.

Referências que, de forma alguma, são exageradas. Justificada inicialmente como uma ação humanitária, destinada a por ordem no país, a Minustah – composta por cerca de 8 mil capacetes azuis, dos quais 1.200 são brasileiros – tem sido marcada por uma sucessão incontável de arbitrariedades que têm despertado, cada vez com mais força, a justa resistência do povo haitiano.

No que se refere aos abusos, no final do ano passado, o **Opinião Socialista** já havia noticiado um relatório elaborado por uma série de ONG's norte-americanas – e enviado para Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) – denunciando a existência, no Haiti, de *"um modelo sistemático de assassinatos extra-judiciais e massacres em Porto Príncipe, perpetrados pela Polícia Nacional Haitiana e pelas forças da Minustah sob o comando brasileiro"*.

No relatório, as entidades pediam a condenação do Brasil e dos EUA (que financiam a operação) pela morte de 63 pessoas e o desaparecimento de outras catorze (todas civis).

Na época, atuando com a mesma hipocrisia que caracteriza todas as ações do governo Lula, o falecido comandante da ocupação, além de caracterizar as mortes de civis como "danos colaterais", insistiu que nenhum brasileiro esteve diretamente envolvido em qualquer morte no Haiti.

O deplorável argumento em favor desta "tese" era que brasileiros "apenas" comandavam as tropas de outros países que participam da ocupação e a polícia local, estas sim responsáveis pelos tiros.

Apesar das tentativas de eximir o Brasil da responsabilidade pelas mortes, o documento elaborado pelas entidades de Direitos Humanos não deixa dúvidas sobre isso: *"Aqueles mortos pelas forças da Polícia Nacional Haitiana e pela Minustah incluem uma longa lista de homens, mulheres e crianças desarmados. Nenhum esforço foi feito para reduzir as mortes de civis e transeuntes. Em muitos casos, essas vítimas não são 'danos colateral' das operações, acidentalmente surpreendidas em fogo cruzado, mas intencionalmente visadas e mortas pela polícia e/ou forças da Minustah"*.

Apesar de toda violência, a ocupação comandada pelo Brasil enfrenta sérios problemas, não tendo conseguido sequer assegurar condições mínimas para realizar eleições no país, que foram adiadas quatro vezes consecutivas, apenas nos últimos dois meses.

Se não bastasse o crime em si que a ocupação significa, cabe lembrar que o governo brasileiro, que alega não ter verba para qualquer programa social, gastou, entre junho de

Lula e Alencar acompanham funeral de general brasileiro

UMA LONGA HISTÓRIA DE PILHAGEM E DE LUTAS

Hoje, o Haiti é o país mais pobre fora do continente africano. Isto é resultado da brutal pilhagem colonial e imperialista que o país sofreu ao longo de uma história que também está marcada por lutas heróicas.

Uma história que começou em 1492, quando Colombo chegou a então Ilha de Hispaniola (hoje dividida entre Haiti e República Dominicana). Nos cinqüenta anos seguintes, a maioria da população indígena original foi exterminada pelos espanhóis e, a partir de 1505, com o início do cultivo da cana de açúcar, o país passou a ser povoado por africanos escravizados.

No século seguinte, depois que as reservas de ouro também se esgotaram, os colonos espanhóis abandonaram a ilha, abrindo espaço para a ocupação francesa, fato que foi "institucionalizado" em 1697, quando a Espanha aceitou a soberania francesa na região, que, um século depois, passou a se chamar Haiti, tornando-se (graças ao açúcar) uma das colônias mais ricas do mundo. Uma riqueza baseada na exploração de mais de 500 mil escravos.

A REVOLUÇÃO NEGRA

Quando começaram a chegar os primeiros ecos da Revolução Francesa, em 1789, as aspirações de liberdade dos haitianos se expressaram na voz de Toussaint Louverture, líder de uma rebelião, em 1804, que resultou na independência do país após uma intensa luta, que provocou a morte de mais de 200 mil pessoas, a maioria negros. A luta haitiana foi a primeira revolução anti-colonial triunfante na América Latina e a primeira revolução vitoriosa promovida por negros escravizados.

Apesar da vitória, a economia haitiana estava em ruínas, fato agravado pelo isolamento imposto pelas potências da época, que temiam que os eventos do Haiti repercutissem em suas próprias colônias.

Além disso, durante anos a França buscou recuperar sua colônia, somente reconhecendo a independência do país em 1838, mediante a uma indenização de 90 milhões de francos, que foi paga até 1883.

No decorrer do século 19, o peso dessa dívida, a devas

2004 e dezembro de 2005, cerca de R$ 340 milhões com a ocupação. Enquanto isso, a muito alardeada "ajuda humanitária" de US$ 1 bilhão prometida pela comunidade internacional não se concretizou em sequer um centavo.

E mais: o Haiti não só continua sendo obrigado a saudar sua dívida externa (no valor de US$ 2 bilhões), como também tem sido alvo do saque ganancioso de multinacionais, que têm se implantado no país para explorar a baratíssima mão de obra local.

SANGUE POR STATUS POLÍTICO

O papel do exército brasileiro é exatamente o de defender os interesses desses senhores.

Além de deixar Bush com as mãos mais livres para investir sobre o Oriente Médio, ao se oferecer para cumprir o papel de "senhor da guerra" no Haiti, Lula criou uma paródia lamentável para as práticas de seu amigo norte-americano. Se no Iraque, a história pode ser resumida em derramar "sangue por petróleo", no Caribe, o sangue está jorrando em troca de prestígio político.

Lula enviou tropas ao Haiti porque sonhava em conquistar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, fato que seria vendido como demonstração cabal do "sucesso" de sua política externa e reconhecimento internacional da liderança brasileira no cenário internacional.

Foi essa mesma "nobre" intenção que fez com que, mesmo após a morte do general, o governo brasileiro se desdobrasse em esforços para reafirmar sua decisão de manter o comando da ocupação.

USO DA FORÇA DEVE AUMENTAR. E A CRISE TAMBÉM

A possibilidade de que a violência aumente no Haiti não está descartada em hipótese alguma. Apesar de criar uma impressão – equivocadíssima, acreditamos – de que o general brasileiro se opunha de alguma forma ao uso da violência, uma matéria publicada no jornal *Haiti Progress* logo após a morte traz um forte indício sobre isso.

Segundo o jornal, na noite anterior ao suicídio, Bacellar participou de uma reunião com representantes da Câmara do Comércio e Indústria do Haiti (CCIH), que teriam exigido uma postura mais forte (leia-se, mais violenta) por parte das forças de ocupação.

Dois dias depois da descoberta do corpo, a mesma CCIH encabeçou uma "greve patronal" que paralisou as atividades comerciais e o transporte da capital haitiana, sob a justificativa da necessidade de restabelecer a ordem.

Além disso, o chefe diplomático da Minustah, o chileno Juan Valdés, também tem se pronunciado com freqüência sobre a necessidade de "atitudes mais contundentes" contra as "gangues", ou seja, os miseráveis que se amontoam nas favelas haitianas.

As ambições da ONU, contudo, esbarram não só na resistência haitiana como também na evidente desmoralização das tropas de ocupação, em relação à qual a morte de Bacellar é, no mínimo, um agravante.

Relatos colhidos junto a soldados brasileiros e publicados na revista *Época*, dão conta de problemas de todos os tipos. A insatisfação é generalizada e crises de choro são constantes. E já houve pelo menos um outro suicídio.

No final do ano passado, três meses depois de retornar do Haiti, declarando ter visto *"muitas coisas ruins"* e *"morte de todos os jeitos"*, o soldado Ildefonso Henriques, de Caçapava (SP) se matou, fato que o Exército tratou como uma conseqüência exclusiva do uso de drogas.

HAITI PARA OS HAITIANOS

Problema adicional para as tropas de ocupação é que a situação econômica do Haiti tem degenerado em ritmo acelerado. Hoje, por exemplo, suspeita-se que nem mesmo uma reedição do patético jogo de futebol realizado pela seleção brasileira no início da ocupação possa ser utilizada para conquistar a simpatia do público.

À miséria generalizada, a única resposta possível é a resistência. No momento, ela tem surgido de forma desesperada e desorganizada. O maior temor das tropas lideradas pelo Brasil é que isso mude. Uma possibilidade cada vez mais real. E a única capaz de devolver o Haiti para os haitianos, criando a possibilidade para que eles reconstruam seu país.

Neste sentido, é importante, em primeiro lugar, que todas as organizações políticas e entidades dos movimentos sindical, estudantil e popular se solidarizarem incondicionalmente à luta do povo haitiano. Mas não só isso. Particularmente no Brasil é necessário denunciar o criminoso papel desempenhado pelo governo Lula e exigir a imediata e total retirada das tropas de ocupação.

** Colaborou Larissa Morais*

OS TRÁGICOS NÚMEROS DO HAITI

8,1 milhões de habitantes
80% vivem abaixo da linha de pobreza
Quase 75% das casas não têm água encanada ou esgoto
Não há coleta de lixo
80% da população está desempregada
75% das crianças nunca foram vacinadas
O analfabetismo atinge 50% da população
A expectativa de vida é de 52 anos (a média na América Latina é de 69 anos)
A Aids atinge 5,6% dos adultos (280 mil infectados e 24 mil mortes em 2003)

tação das florestas e o empobrecimento do solo causado pela exploração afetaram o desenvolvimento da jovem república negra e a crescente miséria deu origem a guerras civis e até a divisão do país.

Isso aprofundou o conflito entre os ex-escravos, que sobreviviam no campo, e a nova burguesia urbana, sobretudo mestiça, enriquecida com o comércio de café, inaugurando um período de sucessivos golpes de Estado e motins.

IMPERIALISMO, DITADURA E CAOS

No início do século 20, novos protagonistas entraram em cena, particularmente o imperialismo norte-americano, que, na época, desenvolvia a política do *Big Stick* (grande bastão), com uma série de invasões a países da América Central e do Caribe. Assim, o Haiti foi ocupado pelos EUA entre 1915 e 1934.

Em 1957, a ocupação transformou-se em "gerenciamento" indireto, através da ditadura da família Duvalier (os sanguinários Papa e Baby Doc), varrida em 1986 através de uma imensa rebelião popular.

O presidente Jean Bertrand-Aristide, um ex-padre da Teologia da Libertação, surgiu no cenário político neste período, capitalizando os anseios de liberdade do povo nas eleições que o levaram ao poder, em 1991.

Na seqüência, Aristides deu início a uma espiral de golpes e contra-golpes que mergulharam o país no caos: foi deposto por Bush (pai), em 1991; voltou ao poder com o auxílio dos EUA, em 1994; perdeu as eleições de 1995 e ganhou um novo mandato em 2000, formando um governo cercado por suspeitas de fraude e denúncias de violentíssima repressão.

Atualmente, o domínio ianque da economia haitiana é quase absoluto. Aliado com uma pequena oligarquia mestiça (menos de 5% da população) e branca (pouco mais de 1%), o capital estrangeiro explora a maioria negra. Nas últimas décadas, à tradicional produção de café, rum e tabaco, foram agregadas também indústrias de vestuário e de brinquedos para exportação, como as maquiladoras. Nelas as multinacionais pagam salários de fome e ganham fortunas.

A LARGADA PARA O CONAT

REUNIÃO NACIONAL da coordenação da Conlutas prepara atuação política para o próximo período e o Congresso Nacional dos Trabalhadores

DIEGO CRUZ, da redação

Nos dias 13 e 14 de dezembro a coordenação nacional da Conlutas reuniu-se em Brasília para analisar o atual cenário político, atualizar as bandeiras de luta que deverão unificar as entidades no próximo período e avançar os preparativos para o Congresso Nacional dos Trabalhadores, o Conat. Representantes de 22 entidades nacionais e estaduais de Minas Gerais, Ceará, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Pará, Sergipe, Goiânia e Rio de Janeiro discutiram os próximos rumos da consolidação da Conlutas.

A Coordenação avaliou como uma vitória as mobilizações impulsionadas nacionalmente pela Conlutas contra a corrupção e a política econômica do governo Lula. Como primeira organização nacional a se levantar contra o governo em plena crise política, a Coordenação Nacional de Lutas ganhou visibilidade e respeito, demonstrando seu caráter independente e se construindo enquanto alternativa real ao peleguismo da CUT.

CONTRA O PAGAMENTO DA DÍVIDA

Apesar da estratégia do governo e da oposição de direita, de esvaziar a crise política e canalizá-la para as eleições deste ano, eles não impedirão a eclosão de diversas lutas dos trabalhadores. Nesse sentido, o eixo político da Conlutas será a luta contra o pagamento da dívida interna e externa, que constitui atualmente o principal instrumento de exploração imperialista, impossibilitando qualquer perspectiva de melhoria na vida dos trabalhadores e da população em geral.

Tal bandeira se relaciona diretamente com as reivindicações de cada entidade ou movimento social que compõe a Conlutas, pois não há como investir em moradia, reforma agrária, emprego, salário mínimo, serviço público ou qualquer outra reivindicação sem romper com a dívida e o FMI. A campanha deverá se contrapor à mentira alardeada pelo governo Lula, da suposta "independência" do país junto ao FMI *(veja página 5)*.

No plano político, essa bandeira se desdobra na defesa da soberania, contra a crescente dominação imperialista na América Latina, a Alca, a OMC e a militarização da região. Nesse sentido, a Conlutas impulsionará tal campanha buscando ações comuns junto à Campanha Jubileu Sul contra o Pagamento das Dívidas Externa e Interna e pela Auditoria Cidadã.

CONTRA AS REFORMAS E POR SALÁRIO MÍNIMO DIGNO

Norteada por essa reivindicação geral, a Conlutas também lutará contra as reformas neoliberais aprovadas pelo mensalão durante o governo Lula, como a reforma da Previdência, exigindo sua imediata anulação. Da mesma forma, seguirá a luta contra as reformas Sindical e Trabalhista, que, apesar de terem sido postergadas devido à crise política, ainda não foram abandonadas pelo governo.

A fim de constituir um pólo alternativo à CUT e demais centrais pelegas, a Conlutas também impulsionará uma campanha pela real valorização do salário mínimo. A adoção do novo salário mínimo de fome do governo Lula desmoralizou por completo a CUT, que recuou inúmeras vezes aceitando a proposta de R$ 350 do governo. A campanha da Conlutas mostrará que o país é capaz de adotar um salário mínimo digno, apontando possíveis fontes de recursos para isso e desfazendo falácias propagadas pelo governo e os patrões a fim de perpetuar o atual salário de fome.

CONAT TEM NOVA DATA

O próximo grande passo da Conlutas é a realização do Congresso Nacional dos Trabalhadores, o Conat. A reunião em Brasília alterou a data e o local do congresso, que será realizado na cidade de Sumaré (SP), no "Árvore da Vida", nos dias 5, 6 e 7 de maio. A alteração se deu devido à ausência de um local na capital paulista que pudesse comportar um evento que pode aglutinar entre 2.500 e 3 mil delegados.

A preparação para o Conat prossegue a todo vapor após o recesso de final de ano, ganhando já ares de campanha. Cerca de 500 mil jornais da Conlutas foram impressos e começam a ser distribuídos para ajudar na convocação em todo o país. Os estados, por sua vez, começam a organizar campanhas financeiras para custear a viagem e a própria realização do congresso.

A próxima reunião da Coordenação Nacional ocorrerá em 2 de fevereiro e definirá o formato e a dinâmica do Conat. Todas as contribuições ao debate no Conat serão disponibilizadas no site da Conlutas: *www.conlutas.org.br*.

CONGRESSO ocorre nos dias 5, 6 e 7 de maio na cidade de Sumaré (SP)

CAMPANHAS contra a dívida e por um salário mínimo digno serão as principais bandeiras da Conlutas

É hora de construirmos uma nova ferramenta para as nossas lutas

Vivemos o fechamento de um ciclo político histórico em nosso país. A traição de Lula e do PT aos anseios de mudanças do povo brasileiro e a vinculação orgânica e financeira da CUT e da UNE ao projeto deste governo, faz com que estas organizações estejam mortas para a luta do povo deste país. Elas representam hoje, uma trava contra as lutas dos trabalhadores e da juventude brasileira.

Construir uma alternativa para os trabalhadores é a necessidade óbvia que se depreende dessa situação. É neste contexto que surge a CONLUTAS, buscando unir trabalhadores e jovens, para a luta em defesa dos seus direitos e pelas mudanças que precisamos fazer no país para que o povo possa ter uma vida digna.

Precisamos de uma nova organização. Este é o maior desafio da classe trabalhadora nesse momento. Construir uma nova organização capaz de ser o instrumento que a nossa classe precisa para fortalecer sua luta, seja em defesa dos seus interesses mais imediatos, seja na defesa dos seus interesses históricos. Contra a divisão das forças dos trabalhadores e da juventude impostas pela traição da CUT e da UNE, nós queremos reconstruir a unidade.

Unidade em uma nova organização que tenha uma vocação transformadora, que resgate as bandeiras e reivindicações forjadas na luta dos trabalhadores nos últimos trinta anos; que esteja a serviço das lutas e não da conciliação de classes; que retome os princípios de independência de classe frente ao patronato e aos governos; de autonomia frente aos partidos políticos; da solidariedade internacional. Que seja democrática, construída e controlada pela base. Que possa agrupar e organizar em seu interior todos os trabalhadores e explorados do país, os representados pelas entidades sindicais, mas também os desempregados, os que estão na informalidade, os movimentos sociais, a juventude, enfim todos os que, neste país lutam contra a exploração e a opressão.

E é para avançar neste sentido – fundar uma organização nacional de caráter sindical e popular – que o II Encontro Nacional da CONLUTAS, reunido em Brasília com mais de 1700 dirigentes e ativistas de mais de uma centena de sindicatos e diversos movimentos sociais e populares de todo o país, decidiu convocar um Congresso Nacional de Trabalhadores – CONAT – para 5, 6 e 7 de maio de 2006.

Ao convocar este Congresso conclamamos as entidades sindicais, os movimentos sociais, populares, as organizações estudantis e juvenis, enfim todos os trabalhadores e jovens, da cidade e do campo, a abraçarem conosco este desafio. O de unirmos a classe trabalhadora e a juventude brasileira em uma nova organização capaz de, ao mesmo tempo ser uma ferramenta para sua luta mais imediata, e também ponto de apoio fundamental para sua luta histórica, pelo fim de toda forma de exploração e opressão.

Capa do Jornal da Conlutas, que será distribuído em todo o país